

# Quando os condenados da terra conquistam mundos?

**Evelyn Santos Almeida**

Licenciada em Letras pela Universidade Estadual de Santa Cruz – UESC

E-mail: vlynalmeida@gmail.com

**Isaías Francisco de Carvalho**

Professor de Literaturas Anglófonas (UESC)

Doutor em Teorias e Crítica da Literatura e da Cultura (UFBA)

E-mail: isaiascarvalho@gmail.com

Recebido em: 11/07 /2017.

Aprovado em: 12/12/2017.

**Resumo:** Trata-se de uma abordagem em torno da interferência de impérios europeus em aspectos culturais e religiosos de povos colonizados, na obra literária *Things fall apart (O mundo se despedaça)*, de Chinua Achebe, em leitura complementada nas descrições e relatos históricos de Frantz Fanon, em *Os condenados da terra*, e de Tzvetan Todorov, em *A conquista da América*. Espera-se constatar a representação da interferência violentadora e predominante de impérios ocidentais, com destaque para o britânico e o espanhol, por meio do poderio militar, e a imposição religiosa cristã branca aos povos subjugados que foram silenciados ao longo desse processo. A pesquisa fundamenta-se nos conceitos de outrização (SPIVAK, 1985) e de outrização produtiva (CARVALHO, 2012), no que concernem aos esforços ou negligências no (des)entendimento cultural com suas ocorrências na narrativa literária destacada.

**Palavras-chave:** Outrização Produtiva; Cultura; Literatura; Interferência Violentadora.

## When do the wretched of the earth conquest world?

**Abstract:** It is an approach to the interference of European empires in cultural and religious aspects of colonized peoples in the novel *Things fall apart (O mundo se despedaça)*, by Chinua Achebe, in reading complemented with the descriptions and historical accounts by Frantz Fanon, in *The Wretched of the earth*, and Tzvetan Todorov, in *The conquest of America*. It is expected to note the representation of the abuser and prevailing interference of Western empires, especially the British and Spanish, through military power, and the white Christian religious imposition on subjugated

peoples who have been silenced through this process. The research is based on the concepts of othering (SPIVAK, 1985) and productive othering (CARVALHO, 2012), concerning the efforts or negligence on the cultural (mis)understanding with its occurrences in outstanding literary narrative.

**Keywords:** Productive Othering; Culture; Literature; Abusive Interference.

## Introdução

A colonização moderna foi uma máquina de guerra e de exploração que nações – principalmente europeias – com maior poderio bélico utilizaram para expandir seus domínios e aumentar suas riquezas, por meio da invasão e da pilhagem de nações distantes ou desconhecidas. Ao longo desse processo, várias culturas existentes nesses territórios colonizados – no que hoje se conhece como Ásia, África, Oceania e Américas – acabaram sendo exterminadas e forçadas a adotar a cultura do colonizador.

Dessa forma, empreendemos uma análise da interferência desses impérios europeus em aspectos culturais e religiosos de povos colonizados nesse período, em representações contidas nos seguintes textos: o romance *Things fall apart (O mundo se despedaça*, na tradução brasileira, e *Quando o mundo desmorona*, na versão portuguesa), de Chinua Achebe, que retrata a colonização de um povoado Igbo, localizado ao sul da Nigéria, pelos britânicos, em contribuição dos relatos históricos e descrições de Frantz Fanon, em *Os condenados da terra*, que aborda a questão do outro na visão do colonizado, e de Tvetzan Todorov, em *A conquista da América*, ao relatar o processo da colonização hispânica que ocorreu na América Central. Em tempo, cabe explicar que o título deste artigo surgiu da combinação e mescla dos nomes dessas três obras: a narrativa literária – objeto central de nossa análise – e os dois relatos literário-históricos utilizados como aporte teórico principal.

Esperamos apurar a representação da interferência violentadora e predominante de impérios ocidentais, nas concepções culturais e religiosas, por meio do poderio militar e na imposição religiosa cristã branca a esses povos subjugados que foram silenciados ao longo desse processo.

Nosso objetivo principal é discutir a interferência de impérios europeus britânicos e hispânicos entre os povos negligenciados na obra destacada, em leitura complementada dos relatos históricos citados por meio das etapas divididas em: a) constatar a imposição do discurso de impérios europeus brancos sobre a religião e a cultura dos povos subjugados; b) destacar a representação literária de povos dominados pela colonização inglesa; c) comparar o silenciamento cultural dos povos indígenas hispano-americanos e africanos; e, d) conceituar outrização e outrização produtiva (CARVALHO, 2012) com a finalidade de fundamentar o escopo central.

Destacamos *Things fall apart* pela importância de Achebe no cenário acadêmico mundial, que se tornou um emblema cultural ao dar voz àqueles que foram colonizados, além da sua inserção no âmbito das pesquisas culturais e pós-coloniais. Aplicaremos nesta investigação os conceitos de Outrização e de Outrização Produtiva, os quais são relativamente inéditos no âmbito da Universidade Estadual de Santa Cruz e retratam a investigação dessa problemática significativa sobre o choque cultural entre povos colonizados e colonizadores.

Esse recorte de cunho bibliográfico busca dar maior visibilidade acerca da historiografia de povos que foram silenciados durante seus processos de colonização, por intermédio de um questionamento teórico que traz críticas políticas e sociais sobre o emudecimento de povos, como os indígenas e os nigerianos. Trataremos também da dizimação cultural, religiosa e intelectual desses povos que foram negligenciados a partir do momento em que suas terras foram invadidas pelo colonizador branco. Esses, ao entrarem em contato com os colonizados, impuseram sua cultura e religião ao criticarem a adoração que os povos subalternos tinham a vários deuses, a visão que eles tinham sobre suas próprias leis e as formas de punições que eram completamente diferentes da visão do colonizador.

Esta averiguação é uma oportunidade para divulgação de pesquisas acadêmicas sobre os estudos literários pós-coloniais, contribuindo para a interface de questões históricas em perspectiva literária. Com este trabalho, oferecemos uma visada para o conhecimento da história de povos que foram pouco divulgados.

## 1 Conquistados e condenados da terra: à guisa de fundamentação teórica

Para discorrer acerca da interferência de impérios europeus em aspectos culturais e religiosos de povos colonizados no processo de colonização a ser investigado neste artigo, é conveniente abrir esta seção com uma fala daquele que um dia também foi colonizado, o escritor Frantz Fanon (1979, p. 26): “O colono e o colonizado são velhos conhecidos. E, de fato, o colono tem razão quando diz que ‘os’ conhece. É o colono que fez e continua a fazer o colonizado. O colono tira a sua verdade, isto é, os seus bens, do sistema colonial”. Essa citação, retirada de *Os condenados da terra*, se ajusta ao propósito deste artigo, pois a primeira coisa que o colono faz, ao chegar numa terra desconhecida, é tirar a verdade do outro, como é representado na obra de Achebe, *Things fall apart*.

O colono, em momento algum, se importa com o povo explorado. Na verdade, o que ele vê são novas pessoas que devem ingressar em sua cultura e em seu modo de vida. Não o interessa a opinião do outro, prevalecendo apenas a sua vontade. Homi Bhabha nos mostra que “o intercâmbio de valores, significados e prioridades pode nem sempre ser colaborativo e dialógico, podendo ser profundamente antagonico, conflituoso e até incomensurável” (BHABHA, 1998, p. 20), o que percebemos nas relações violentas entre colonizador e colonizado.

Por conseguinte, a questão do subalterno, trazida por Spivak (1994), se adapta adequadamente nesse contexto da colonização ao definir a outrização como neologismo e significante único, implicando um procedimento inter-sociocultural que se constitui de práticas discursivas de enaltecimento de uma identidade positivada de certo grupo e estigmatização e rebaixamento, com violência, de outro. Ou seja, o colonizador só consegue demonstrar seu poder a partir do momento que ele diminui o colonizado, por meio da privação dos seus costumes e tradições.

Através da análise e percepção de como os colonizadores britânicos interferiram no processo cultural e religioso do povo Igbo, é possível perceber como eles impõem sua cultura sobre o outro, silenciando-o e fazendo com que esse povo abandone seus próprios costumes e modo de vida. De acordo com Assmann, “A memória

cultural é complexa, plural, labiríntica, abrange uma multidão de diferentes memórias de pertença coletiva em diferentes tempos e espaços e retira destas tensões e contradições a sua própria dinâmica” (ASSMANN apud MAGALHÃES, 2004, p. 43). Portanto, com a invasão britânica, essa memória cultural foi se perdendo e os igbos adquiram uma nova memória que não é a deles, mas a do outro, a do *outrizador* predominante.

Em *Things fall apart*, percebemos a outrização no decorrer da presença do colonizador que é imposta ao povo igbo, de forma predominante e violenta, sem chance para diálogos. Até quando os britânicos o propõem é apenas para benefício próprio e não em favor dos dominados. Quando o subalterno pensa em elevar sua voz, ele é rebaixado pelo Outro (nesse caso, o colonizador), que o silencia completamente e nega seus direitos à sua cultura, valores morais e religiosos.

A partir do momento da chegada do primeiro colonizador, os povos subjugados se tornam os condenados de sua própria terra, pois perderam seus direitos e liberdade sobre seu lugar de origem, passando a incorporar o mundo do Outro e cedem, deixando de lado tudo aquilo em que acreditam, pois sabem da impossibilidade de diálogo e acabam incorporando o mundo do Outro, mesmo sendo contrários à essa imposição. Em torno da importância dos ritos e de suas encenações, Assmann reconhece também o papel fundamental da religião na consolidação da dimensão cultural e simbólica da memória:

Âmbitos amplos da vida cultural, em especial tudo aquilo que pertence à religião, têm a tarefa de preservar viva uma lembrança, que não possui mais sua base no cotidiano originário. Ritos religiosos são indubitavelmente a mídia mais antiga e original da memória de pertença, que, por sua vez, gira em torno do vínculo e da comunidade, que inclui mortos e espíritos. (ASSMANN apud MAGALHÃES, 2001, p. 22).

O que Assmann diz não se aplica ao contato do colonizador com o colonizado, uma vez que as tradições e os rituais religiosos, como o culto a vários deuses, os sacrifícios e Oferendas realizadas pelos igbos para a obtenção de colheita farta antes da chegada do algoz, aos poucos foram desaparecendo.

Após começarem o processo de colonização desse povo, os britânicos não procuraram manter um diálogo para que ambas as crenças pudessem viver em harmonia; o desejo dos colonos era que apenas a sua doutrina permanecesse, rebaixando a fé do outro como se não tivesse importância para os igbos. Desse modo, a ligação que aquele povo tinha com seus mortos e sua terra é completamente esquecida. Em contraponto, temos um conceito para contrariar a violência cometida pelo Outro na tentativa de se estabelecer um diálogo entre eles:

Por outro lado (o lado da possível conversação entre grupos sócio-culturais), ‘outrização produtiva’, como significado composto por dois significantes, tem a função de estabelecer uma contraposição a essa atitude ‘bárbara’ e reificante, pois oferece a proposta de uma abordagem ressignificada da memória recalcada nas relações de trocas simbólicas do colonialismo e dos neocolonialismos de hoje entre culturas de diversos territórios geográficos e imaginados. (CARVALHO, 2003, p. 13).

Carvalho propõe, portanto, que haja o diálogo entre os colonos e os colonizados, para que os impactos causados pelo choque cultural sejam minimizados para ambos os lados, não interferindo de maneira drástica no modo de vida ou tradições daqueles que estão sendo colonizados. Um exemplo significativo da aplicação desse conceito ocorre no processo da colonização hispânica, na América Central, com a chegada da comitiva de Cristovão Colombo (TODOROV, 1983), que em momento algum chega de forma imposta e violenta, desrespeitando os índios que habitavam aquela região. Ao contrário dos colonizadores britânicos, Colombo parece tentar aprender a cultura daquele povo e introduz a sua de forma sutil, sem imposição violenta, sendo algumas vezes engraçado para os índios a maneira como ele se refere àquele lugar e suas belezas naturais:

Colombo fala dos homens que vê unicamente porque estes, afinal, também fazem parte da paisagem. Suas menções aos habitantes das ilhas aparecem sempre no meio de anotações sobre a Natureza, em algum lugar entre os pássaros e as árvores. (TODOROV, 1983, p. 33).

Para Colombo, os índios faziam parte da paisagem, por isso, ele não pensava em interferir no seu modo de vida, queria apenas satisfazer a sua curiosidade sobre o cotidiano daquele povo.

O que todos esses autores têm em comum é a forma como abordam a questão da colonização, como esse período da história foi impactante para os povos que foram colonizados e a maneira que Achebe e Fanon encontraram de representar brilhantemente seus povos, dando voz a uma gente que há muito tempo estava silenciada, porque não eram ouvidos e não eram reconhecidos.

Conforme Bonnici (2005), a diferença entre a colonização antiga e a capitalista na Modernidade consiste no fato que essa não exigia apenas tributos, bens e riquezas dos países conquistados, mas reestruturava as economias dos países colonizados de tal modo que o relacionamento entre o colonizador e o colonizado interferiu no intercâmbio de recursos materiais e humanos trocados entre ambos. Consequentemente, essa colonização devastou a cultura, as vezes milenar, de muitos povos, a qual foi substituída por uma cultura eurocêntrica e cristã. O estudo da literatura em língua inglesa na África e na Índia e a forte americanização da cultura chinesa e japonesa são exemplos da ruptura provocada pela colonização moderna. Essa fala de Bonnici pode ser utilizada para descrever o que ocorre em Umuófia – vila em que a narrativa *Things fall apart* é majoritariamente ambientada –, após a chegada do colonizador branco: a dizimação de uma cultura e da forma de governo que lá existia.

De acordo com Fanon (1983), o negro não se aceita negro, por isso que o branco encontra espaço para o dominar. Se isso não ocorresse, o momento da colonização poderia ter sido diferente e, em contraponto a este pensamento, surge uma fala do personagem Okonkwo, em *Things fall apart* (doravante, toda citação da obra de Achebe será feita em língua inglesa seguida, com o espaço de uma linha, da tradução na versão brasileira):

‘The greatest obstacle in Umuofia,’ Okonkwo thought bitterly, ‘is that coward, Egonwanne. His sweet tongue can change fire into cold ash. When he speaks he moves our men to impotence. If they had ignored his womanish wisdom five years ago, we would not have come to this.’ He ground his teeth. (ACHEBE, 1994, p. 139).

O maior problema de Umuófia – pensou Okonkwo, amargamente, - é aquele covarde do Egonwame. Com a lábia que tem, é capaz de transformar fogo em cinza fria. Quando ele fala, comove nossos homens, que ficam sem força. Se todos há cinco anos atrás, tivessem ignorado sua sabedoria feminina, nos não teríamos chegado à situação em que hoje nos encontramos. – Rilhou os dentes. (ACHEBE, 1983, p. 181).

O sentimento expresso por Okonkwo deixa claro que aquele povo poderia ter lutado contra a sua forma de colonização. O processo não deixaria de ocorrer, mas poderiam ter preservado seus costumes e tradições, ao invés de não lutarem contra o algoz britânico, permitindo a interferência no seu modo de vida, apagando a existência daquela civilização que, após a dominação, não estava mais presente em Umuófia, já que a cultura igbo, suas tradições e crenças não mais existiam.

O povo que permaneceu após a colonização era composto pelos mesmos nativos daquela terra, mas com uma identidade cultural completamente diferente, prevalecendo assim a cultura e a religião dos colonos britânicos.

Segundo Neves e Almeida (2012), através da literatura, os escritores narram e problematizam ainda que ficcionalmente os aspectos culturais herdados da cultura colonizadora e, a partir dessa percepção, as narrativas pós-coloniais vislumbram a construção de novos valores para se pensar a identidade do colonizado, minimizando as influências das nações imperialistas.

A narrativa de Achebe se encaixa na literatura pós-colonial, pois discute a “[...] experiência de colonização, afirmando a tensão com o poder imperial e enfatizando suas diferenças dos pressupostos do centro imperial.” (ASHCROFT et al., 1991, p. 20). Em outras palavras, traz o motivo de haver o choque cultural entre o colonizador e o colonizado, devido a costumes tão diferentes que propiciaram o desentendimento entre eles.

## 2 Outrização e outrização produtiva em *Things fall apart*

A partir do capítulo cinco, *Things fall apart*, discorre sobre a vida dos igbos antes da chegada dos britânicos. Achebe os descreve como um povo guerreiro, politeísta e temente aos deuses, que vivem da agricultura, principalmente do inhame. E, após o capítulo dezesseis, percebemos a chegada sorrateira dos colonizadores, através de uma discussão que ocorre no meio da praça principal de Umuófia, entre os Igbos e os colonizadores:

He told them that they worshipped false gods, gods of wood and stone. A deep murmur went through the crowd when he said this. He told them that the true God lived on high and that all men when they died went before Him for judgment. Evil men and all the heathen who in their blindness bowed to wood and stone were thrown into a fire that burned like palm-oil. But good men who worshipped the true God lived forever in His happy kingdom. 'We have been sent by this great God to ask you to leave your wicked ways and false gods and turn to Him so that you may be saved when you die,' he said. (ACHEBE, 1994, p. 145).

Os homens maus e todos os pagãos, que, em sua cegueira, se prostavam perante deuses de madeira e de pedra, seriam jogados numa fogueira que queimava com óleo de palma. Porém os bons, que adorassem o Deus verdadeiro, viveriam para sempre em Seu reino de felicidade. 'Fomos enviados por este grande Deus para pedir-lhes que abandonem os maus costumes e as falsas divindades, e se voltem para Ele, a fim de que possam salvar-se, quando morrerem'. (ACHEBE, 1983, p. 134).

Podemos ver claramente como os britânicos impuseram sua cultura, sem se importarem em atropelar a cultura do outro. Para eles, somente a sua religião era a correta. Os colonizados devem acatar os costumes do Outro, de forma branda e sem discussão. Por um tempo, acontece dessa forma. Os britânicos se estabelecem no meio da tribo, construindo suas casas. Percebendo que eles iriam permanecer ali, os anciões Igbos concedem um terreno para que estabeleçam sua igreja, num terreno que consideram amaldiçoado, já que é o lugar onde eles enterram seus mortos. Os moradores da

aldeia são muito apegados aos seus costumes, por isso, a maioria resiste à imposição cultural dos brancos, mas uma pequena parte dos Igbo, que eram discriminados ou rejeitados pelos aldeões, como mulheres estéreis e homens considerados fracos, que eram chamados de afeminados, acharam um conforto na fé dos britânicos, um refúgio após anos de isolamento devido às suas características peculiares e aos poucos sucumbem a essa interferência.

A fala branda dos britânicos e a ilusão de uma convivência pacífica, demonstrada pelo comissário inglês, atraiu os menos afortunados para essa nova religião. O trecho a seguir, mostra o início do conflito entre essas duas realidades tão diferentes, por causa da morte de um dos homens do comissário inglês:

‘Wait a minute,’ said the Comissioner. ‘I want to bring in my men so that they too can hear your grievances and take warning. Many of them come from distant places and although they speak your tongue they are ignorant of your customs. James! Go and bring in the men.’ His interpreter left the courtroom an soon returned with twelve men. Ekwueme began to tell the story of how Enoch murdered an *egwugwu*. (ACHEBE, 1994, p. 193-194).

‘Espere um minuto’, disse o comissário. ‘Eu quero trazer meus homens para que eles também podem ouvir suas queixas e tomar aviso. Muitos deles vêm de lugares distantes e, apesar de falar a sua língua que eles são ignorantes de seus costumes. James! Vá e trazer os homens’ Sua intérprete deixou o tribunal e logo voltou com doze homens. Eles sentaram-se juntos com os homens de Umuofia e Ogbuefi Ekwueme começou a contar a história de como Enoch assassinado um *egwugwu*. (ACHEBE, 1983, p. 175).

Esse diálogo acontece no meio do mercado central, o lugar mais movimentado da aldeia Igbo, sendo acompanhado por todos. As reais intenções dos britânicos são aí explicitadas, quando seus homens cercam Okowko e seus amigos anciões e os prendem:

‘We shall not do you any harm,’ said the District Commissioner to them later, ‘if only you agree to cooperate with us. We have brought a peaceful administration to you and your people so that you may be happy. If any man ill-treats you we shall come to your rescue. But we will not allow you to ill-treat others. We

have a court of law where we judge cases and administer justice as it is done in my own country under a great queen. I have brought you here because you joined together to molest others, to burn people's houses and their place of workshop. That must not happen in the dominion of your queen, the most powerful ruler in the world. I have decided that you will pay a fine of two hundred bags of cowries. You will be released as soon as you agree to this and undertake to collect that fine from your people. What do you say to that? (ACHEBE, 1994, p. 194).

'Não vamos fazer nenhum mal', disse o Comissário do Distrito a eles mais tarde, 'se você concorda em cooperar com a gente. Nós trouxemos uma administração pacífica para você e seu povo, de modo que você pode ser feliz. Se alguém estiver dentro de você que deve vir a seu salvamento. Mas, não vamos permitir que você maltrate os outros. Nós temos um juiz de direito em que julgar casos e administrar a justiça, assim como é feito no meu próprio país sob uma grande rainha. Eu os trouxe aqui, porque você se uniram para molestar os outros, para queimar as casas das pessoas e seu lugar de culto. Isso não deve acontecer no domínio da nossa rainha, o governante mais poderoso do mundo. eu decidi que você vai pagar uma multa de duzentas sacas de búzios. você será liberado assim que você concorda com esta e comprometem-se a recolher que bem de seu povo. O que você diz sobre isso? (ACHEBE, 1983, p. 176).

Nesta passagem, a outrização dos britânicos sobre os Igbos se torna clara, já que fica evidente a violência com que os anciões estão sendo tratados, não respeitando os seus costumes e tradições para resolverem seus conflitos internos. O comissário britânico impõe sua força e deixa a máscara cair, frente aos Igbos mais velhos. Durante o tempo na prisão, eles foram humilhados pelos brancos, já que ficaram privados de comer, beber água, irem ao banheiro. Após três dias aprisionados, o comissário enviou um mensageiro para informar aos aldeões que os presos seriam liberados. Diante dessa situação, os moradores da aldeia recolheram a quantia pedida para soltarem seus familiares e amigos.

Após serem libertos, Okonkwo volta para sua cabana, mas não se sentiu em casa. Havia amargura no seu coração, ele não conseguia dormir. Ele queria que Umuófia reagisse à outrização e se vingasse da humilhação pela qual estavam passando. Como isso não aconteceu, ele decidiu que era melhor tirar a própria vida,

ao invés de silenciar sua voz, seus costumes e religião, para seguir a dos britânicos. Esse comportamento de Okonkwo é entendido como a única forma de continuar sendo um Igbo e permanecer fiel à sua identidade.

### 3 Análise comparativa na interface literatura-história

Passaremos agora para uma análise comparativa entre a narrativa de Achebe e os relatos históricos de *Os condenados da terra* (FANON, 1979) e *A conquista da América* (TODOROV, 1983).

Sartre, ao escrever o prefácio de *Os condenados da terra*, transmite a indignação dos colonizados nos relatos de Fanon sobre o negligenciamento e silenciamento ocorridos na terra natal do autor por causa da colonização e, dessa forma, fizemos uma comparação entre a outrização que ocorreu nesses relatos e a narrativa de Achebe:

[...] A violência colonial não tem somente o objetivo de garantir o respeito dêesses homens subjugados; procura desumanizá-los. Nada deve ser poupado para liquidar as suas tradições, para substituir a língua dêeles pela nossa, para destruir a sua cultura sem lhes dar a nossa; é preciso embrutecê-los pela fadiga. (FANON apud SARTRE, 1994, p. 9).

Nesse prefácio, já fica clara a intenção do autor ao escrever esses relatos. Poderia também ser aplicado o conceito de outrização produtiva, se compararmos a Achebe, no momento em que faz serem ouvidos os horrores sofridos na colonização impostos pelas mãos dos algozes europeu.

Sartre também deixa transparecer sua indignação pela forma como a colonização ocorreu nesses países africanos, com o extermínio da cultura e da identidade daquele povo. O colonizador tem a intenção de tratar o colonizado como escória, para que eles não se lembrem das suas culturas, tradições ou de sua própria língua. No entanto, mesmo com tantos pontos negativos, o colonizado ainda encontra forças para não ser completamente silenciado por seu colonizador. São imensos os conflitos internos que esse homem subjugado enfrenta ao tentar lutar contra esse sistema, ao tentar não dar sua terra para o Outro invasor. Se ele trabalha para o colonizador,

é visto como fraco, mas, se não o faz, é morto. Esse homem não tem direito a nenhuma escolha, pois sua vida não pertence mais a ele, pertence ao seu algoz.

Quando o colonizado passa a pensar em suas amarras, a inquietar o colono, enviam-lhe boas almas que, nos ‘Congressos de cultura’, lhe expõem a especificidade, as riquezas dos valores culturais. Mas todas as vezes que se trata de valores ocidentais produz-se no colonizado, uma espécie de retesamento. (FANON, 1979, p. 32).

Por esses motivos, eles são verdadeiramente os condenados da terra, pois são prisioneiros do lugar onde estão sem condição de fuga e sem direito à sua identidade cultural. Fanon relata, de forma mais fidedigna possível, como ocorreu o processo de colonização sofrido por seu povo, os sacrifícios que ele presenciou e a luta para manter suas memórias e tradições vivas. “A violência ergue o povo á altura do líder” (FANON, 1979, p. 74), isto é, os colonizadores precisam agir com violência, para que os colonizados adquiram as características culturais, religiosas e jurídicas do seu carrasco para que o sirvam adequadamente e reneguem toda sua identidade cultural e individual.

Os relatos de Fanon podem ser vistos como uma outrização produtiva, pois esse autor não teve sua voz silenciada diante do poderio violento e militar dos seus colonizadores. Ele utiliza a língua do colonizador para mostrar a realidade passada durante o processo de colonização da Martinica e retrata de modo fiel os horrores físicos e mentais sofridos durante esse período da história do seu país.

Em *A conquista da América*, podemos compreender como a dominação colonial pode ser aparentemente branda em seu início, principalmente ao olharmos para os relatos do padre Las Casas sobre a experiência vivenciada na expedição de Colombo e seu comportamento ao interagir com os índios, sua admiração pela beleza das mulheres e da paisagem, além da “descoberta” de uma terra que ele já sabia onde se encontrava. Após explorar as ilhas ali existentes, ele sabia que já tinham nomes, os quais não lhe interessavam, pois queria rebatizá-los à sua vontade (TODOROV, 2003).

A questão do sacrifício humano é percebida como ponto em comum entre as obras de Achebe e de Todorov, mas cada um realizado com um propósito diferente. Em *Things fall apart*, o jovem

Ikemefuna, que foi trazido de outra aldeia para evitar uma guerra, é assassinado como um sacrifício para conservar a paz em Umuófia, uma vez que ele havia sido enviado para lá com essa finalidade. Em contraponto, em *A conquista da América*, o sacrifício dos índios ocorre para que haja o desenvolvimento da colônia.

Tais hábitos são vistos pelo olhar ocidental como cruéis e desumanos, ao mesmo tempo em que, para os indígenas e nigerianos, esses costumes são considerados apenas como uma forma de fazer sua terra prosperar. A citação a seguir, traz a morte de Ikemefuna:

[...] Quando o homem que pigarreara se adiantou, a erguer a catana, Okonkwo virou o rosto para o outro lado. Ouvia o golpe. A cabaca caiu e partiu-se na areia. Escutou Ikemefuna gritar – Meu pai, eles me mataram! – enquanto corria na sua direção. Estoneado pelo medo, Okonkwo desembainhou o facão e o abateu. Témia ser considerado um fraco. (ACHEBE, 1983, p. 62).

A morte do jovem acontece de forma cruel, pois ele foi apunhalado pelos guerreiros da aldeia de Umuófia, incluindo Okonkwo, a quem ele chamou de pai, e era a pessoa que ele menos esperava que participasse dessa violência. Okonkwo, mesmo triste com a violência que Ikemefuna sofreria, participou do ato, para que não fosse chamado de fraco, pois o seu orgulho era maior do que sua consideração pelo menino. Nos relatos de Todorov, encontramos uma explicação para esse sacrifício, que ocorre na narrativa de Achebe, quando informa que Las Casas “[...] quer tornar o sacrifício humano menos estranho, menos excepcional para o espírito de seu leitor”, e lembra que esse sacrifício não está totalmente ausente da própria religião cristã:

[...] seria possível pleitear de modo convincente, a partir do fato de Deus ter ordenado a Abraão que sacrificasse seu único filho, Isaac, que Deus não detesta completamente que lhe sacrifiquem seres humanos. (LAS CASAS apud TODOROV, 2003, p. 273).

Nessa fala de Las Casas, percebemos como as culturas africanas e as ocidentais têm pontos em comum, mesmo sendo povos tão diferentes. Outra provocação que podemos fazer é o fato de o sacrifício de Ikemefuna não ter sido contestado por aquele que ele chamava

de pai. Okonkwo aceitou a decisão do sacrifício do seu filho adotivo sem contestar os anciões, enquanto os sacrifícios dos índios foram contestados por alguns fiéis, mas explicado e silenciado pela igreja, que os via como uma forma de progresso da colônia.

## Considerações finais

Em *Things fall apart (O mundo se despedaça)*, há ocorrências apenas de representações do conceito de outrização, uma vez que aí só comparecem as imagens e ações do opressor colonial, sufocando a voz do oprimido colonizado que, por sua vez, também apresenta, nas relações culturais entre seus “iguais”, apenas as narrativas em que há outrização contra mulheres e crianças, entre outros casos de violência cotidiana. A outrização produtiva – aquela do elogio do colonizado e da apresentação de sua voz – fica por conta do próprio lugar de autoria de Chinua Achebe, ao escrever essa obra, uma vez que conta a história de seu povo e alcança um público leitor e crítico internacional relevante.

Os conceitos dos teóricos aqui aportados contribuíram para reforçar as análises que foram feitas a partir dessa obra literária de Achebe, em diálogo com Todorov e Fanon. No que tange à análise do choque cultural mais significativo em *Things fall apart* – o do branco colonizador europeu com as comunidades negras igbo nigerianas –, as vozes desses autores pós-coloniais não foram silenciadas. Pelo contrário, foram ouvidas e lidas no mundo inteiro, tornando-se heranças culturais em outrização produtiva epistemológica e literária.

Observamos que, mesmo após anos que se passaram da época dos impérios coloniais, a distância entre a África e a Europa, ainda hoje, não é apenas geográfica, mas implica e simboliza um distanciamento cultural e religioso, principalmente pela ignorância e pela intolerância ao diálogo menos assimétrico entre esses dois continentes. Durante o período de colonização, essa distância teve um aumento negativo e aprofundado, assim, de certa forma, *Things fall apart* – bem como outras obras africanas pós-coloniais em outras línguas europeias – pode ser considerada uma narrativa de “escrita de volta ao centro”, como um intruso bem-vindo no imaginário internacional, como emblema, portanto, de outrização produtiva.

## Referências

ACHEBE, Chinua. *O mundo se despedaça*. Tradução de Vera Queiroz da Costa e Silva. São Paulo: Ática, 1983. [versão brasileira]

ACHEBE, Chinua. *Quando tudo se desmorona*. Tradução de Eugenia Antunes, Paulo Rêgo. Mercado das letras, 2008. [versão portuguesa]

ACHEBE, Chinua. *Things fall apart*. New York: Anchor Books, 1994.

ASHCROFT, Bill et al. *The Empire writes back: theory and practice of post-colonial literatures*. London and New York: Routledge, 1994.

CARVALHO, Isaías Francisco de. *Omeros e Viva o povo brasileiro: outrização produtiva e identidades diaspóricas no Caribe Estendido*. 179 f. 2012. Tese (Doutorado) – Instituto de Letras, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2012.

FANON, Frantz. *Os condenados da terra*. Trad. José Lourênio de Melo. 2. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1979.

BHABHA, Homi K. *O local da cultura*. Trad. Myriam Ávila, Eliana Lourenço de Lima Reis, Gláucia Renate Gonçalves. Belo Horizonte: UFMG, 1998.

BONNICI, Thomas. Avanços e ambiguidades do pós-colonialismo no limiar do século 21. *Léguas & meia: Revista de literatura e diversidade cultural*. Feira de Santana: UEFS, v. 4, no 3, 2005, p. 186-202.

MAGALHÃES, Antonio Carlos de Melo. Religião e memória cultural: reflexões sobre a obra de Jan Assmann. In: *Revista Observatório da Religião*. Vol. 1, n. 1, (jan/jun 2014), p. 6-13.

NEVES, C. R.; ALMEIDA, A. C. A identidade do “Outro” colonizado à luz das reflexões dos estudos pós-coloniais. *Em Tempo de Histórias*, Publicação do Programa de Pós-Graduação em História da Universidade de Brasília (PPGHIS/UnB) n. 20, Brasília, jan. – jul. 2012.

SARTRE, Jean Pierre. Prefácio. In: FANON, Franz. *Os condenados da terra*. Trad. José Lourênio de Melo. 2. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1979.

SPIVAK, Gayatri Chakravorty. *Pode o subalterno falar?* Tradução de Sandra Regina Goulart Almeida, Marcos Pereira Feitosa, André Pereira Feitosa. Belo Horizonte. Editora UFMG, 2010.

SPIVAK, Gayatri Chakravorty. Can the subaltern speak? In: *Colonial discourse and post-colonial theory: a reader*. Edited and introduced by Patrick Williams and Laura Chrisman. New York: Columbia University Press, 1994. p. 66-111.

TODOROV, Tzvetan. *A conquista da América: a questão do outro*. São Paulo, Ed. Martins Fontes, 1983.